

A Esfera Pública Interconectada

Yochai Benkler - The Wealth of Networks - Cap. 7

Link do texto original:

<http://www.congo-education.net/wealth-of-networks/ch-07.pdf>

Os elementos fundamentais da diferença entre a economia informacional em rede e a economia do mass media são a arquitetura em rede e os custos de se tornar um falante. O primeiro elemento é uma transformação de uma arquitetura de ligações unidirecionais com os pontos finais da mídia de massa, para uma arquitetura distribuída com conexões multidirecionais em todos os nós do ambiente informacional em rede. A segunda é a eliminação prática dos custos de comunicação como uma barreira para falar além das barreiras de associação. Juntas, essas características alteraram fundamentalmente a capacidade dos indivíduos, agindo sozinhos ou com outros, de serem participantes ativos na esfera pública, em oposição a leitores, ouvintes ou espectadores passivos. Para países autoritários, isso significa que é mais difícil e mais caro, apesar de talvez não ser inteiramente impossível estar interconectado e manter o controle da esfera pública. A China parece estar fazendo um bom trabalho nessa questão, no meio da primeira década do século, para que seja possível dizer mais do que "é difícil manter o controle"; apesar de que, em pelo menos em alguns regimes autoritários, o controle será mais fraco. Em democracias liberais, a presente habilidade dos indivíduos de produzir informação cria o potencial quase universal de absorvê-la. Isso por outro lado sinaliza mudanças significativas, mas não inevitáveis, na estrutura da esfera pública que ocupava um ambiente de mídia de massa comercial. Essas mudanças aumentam os desafios de filtragem. Elas fundamentam algumas das críticas das alegações sobre o efeito democratizante da internet que eu exploro posteriormente nesse capítulo. Fundamentalmente, de qualquer forma, existem as raízes de uma possível mudança. Começando como custo de mandar um e-

mail para alguns amigos ou para uma lista de discussão de pessoas interessadas em um assunto particular, até o custo de começar um site ou um blog, passando pela possibilidade de manter conversas interativas com um grande número de pessoas por meio de sites como o Slashdot, o custo de se tornar um falante numa discussão política regional, nacional ou mesmo internacional é menor em diversas ordens de magnitude do que o custo de se comunicar em um ambiente de mídia de massa. Isso, como resultado, leva à existência de um número diversas ordens de magnitude maior de falantes e participantes na conversação e também, por último, na esfera pública.

A mudança é tão qualitativa quanto é quantitativa. A mudança qualitativa é representada pela experiência de ser um falante potencial, em oposição a ser simplesmente um ouvinte ou um eleitor. Ela está relacionada com a auto-percepção dos indivíduos como parte de uma sociedade e com a cultura de participação que eles podem adotar. A possibilidade fácil de se comunicar efetivamente na esfera pública permite aos indivíduos se reorientarem de leitores e ouvintes a falantes potenciais e participantes de uma conversação. O jeito que nós escutamos o que escutamos muda por isso, assim como, talvez mais fundamentalmente, muda o jeito que nós enxergamos e processamos os eventos diários das nossas vidas. Nós não precisamos mais aceitá-lo como uma mera observação privada, mas como sujeitos potenciais da comunicação pública. Essa mudança afeta o poder relativo da muda. Afeta a estrutura de absorção de observações e pontos de vista. Afeta a apresentação de questões e observações no discurso. Afeta o jeito que as questões são filtradas, para quem e por quem. Finalmente, afeta as maneiras como as posições são cristalizadas e sintetizadas, algumas vezes sendo ampliadas ao ponto da mídia de massa passa a considerá-las como entrada e as converte em posições políticas, mas ocasionalmente, por meio da organização direta da opinião e da ação, ao ponto de alcançar uma relevância capaz de dirigir o processo político diretamente.

O case básico do efeito democratizante da internet, visto pela perspectiva do meio dos anos 1990, foi articulado em forma de uma opinião da Suprema Corte Norte Americana no caso Reno v. ACLU: A Web é conseqüentemente comparável, do ponto de vista dos leitores, com uma vasta biblioteca com milhões de publicações disponíveis e indexadas para a leitura e um shopping estendido oferecendo bens e serviços. Do ponto de vista dos publicadores, ela constituiu uma vasta plataforma para dirigir-se a e ouvir uma audiência mundial de milhões de leitores, espectadores, pesquisadores e consumidores. Qualquer pessoa ou organização com um conectado à Internet pode publicar informação. Publicadores incluem agências governamentais, instituições educacionais, grupos de advocacia e indivíduos.

Por meio do uso de chats, qualquer pessoa com uma linha telefônica se torna um falante com uma voz que ressoa mais longe do que poderia de qualquer pânque. Por meio do uso de páginas da web, listas de e-mail e grupos de notícias, os mesmos indivíduos podem se tornar "panfleteiros". Como a Corte Federal definiu, "o conteúdo na Internet é tão diverso quanto o pensamento humano".

As observações do que é diferente e único sobre esse novo meio em relação àqueles que dominaram o século 20 já se apresentam nas citações da Corte. Há dois tipos distintos de efeitos. O primeiro, como a Corte avalia pela perspectiva "dos leitores", é a abundância e diversidade de expressão humana disponível para qualquer um, em qualquer lugar, de um jeito que não era factível no ambiente de mídia de massa. O segundo, e mais fundamental, é qualquer um pode se tornar um publicador, incluindo indivíduos, instituições educacionais e organizações não governamentais, ao lado dos falantes tradicionais do ambiente de mídia de massa – governo e entidades comerciais.

Desde o fim da década de 1990 houve uma crítica significativa da concepção precoce dos efeitos democratizantes da internet. Uma linha crítica inclui variantes da objeção de Babel: a preocupação de que o excesso de informação levará à fragmentação do discurso, à polarização, e à perda da comunidade política. Uma diferente e contraditória outra linha crítica sugere que a Internet está, na verdade, exibindo concentração: tanto a infraestrutura quanto, mais fundamentalmente, os padrões de atenção são muito menos distribuídos do que nós pensávamos. Conseqüentemente, a Internet diverge da mídia de massa muito menos do que nós pensávamos em 1990 e significativamente menos do que nós devemos esperar.

Eu começo o capítulo abordando uma lista de tecnologias e padrões de uso centrais que podem ser citados, no meio da primeira década do século 21, para representar o centro das tecnologias baseadas na Internet que servem a discurso democrático. Eu então uso dois estudos de caso para descrever as práticas sociais e econômicas pelas quais essas ferramentas são utilizadas para construir a esfera pública, e como essas práticas diferem radicalmente do modelo da mídia de massa. No plano de fundo dessas histórias, nós agora somos capazes de considerar as críticas que foram levantadas a alegação de que a Internet democratiza. Uma análise detalhada da aplicação da economia da informação em rede para a produção da esfera pública sugere que a esfera pública interconectada emergente oferece melhoras significantes em relação àquela dominada pela mídia de massa comercial. Durante a discussão, é importante manter em mente que a comparação relevante é sempre entre a esfera pública que nós de fato tínhamos durante o século 20, aquela dominada pela mídia de massa, que é a base para a comparação, e não a imagem utópica de que "todos são panfleteiros", que animou as esperanças nos anos 1990 pela democracia da Internet. Abandonos essa utopia ingênua não são sinais de que a internet não democratiza, afinal. Eles são meros sinais de que o meio e a análise que se faz dele estão amadurecendo.

Ferramentas básicas da Comunicação em Rede

Analisando o efeito do ambiente informacional em rede no discurso público, catalogar as ferramentas para comunicação populares atualmente é, até certo ponto, inútil. Essas serão sem dúvida substituídas por outras novas. Analisando os seus efeitos, sem ter noção de pra que essas ferramentas servem ou como elas estão sendo utilizadas é, por outro lado, impossível. Isso nos deixa com a necessidade de catalogar o quais são elas, enquanto tentamos abstrair, das finalidades para que elas estão sendo utilizadas, que relacionamentos de informação e comunicação estão emergindo, e desses transpor uma teoria da economia informacional em rede como uma nova plataforma para a esfera pública.

O e-mail é o aplicativo mais popular da rede. É barato e trivialmente fácil de usar. E-mail básico, como usado atualmente, não é ideal para comunicações públicas. Enquanto ele provê maneiras baratas e eficientes de se comunicar com um grande número de indivíduos que não são parte do conjunto básico de associações sociais de alguém, a existência de grandes quantidades de spam comercial e a quantidade de e-mails chegando e saindo das caixas-postais fazem das distribuições indiscriminadas de e-mail um mecanismo relativamente pobre de ser ouvido. E-mails para grupos menores, pré-selecionados pelo remetente por terem algum interesse em um tema ou algum relacionamento com quem envia, apesar disso, provêem um mecanismo rudimentar para comunicar observações, ideias e opiniões para um círculo significativo, em uma base ad hoc. Listas de discussão são mais estáveis e auto-selecionáveis, e por outro lado mais significativas como uma ferramenta básica para a esfera pública interconectada. Algumas listas de discussão são moderadas ou editadas, e circulam por um ou por um pequeno número de editores. Outras não são editadas de um jeito significativo. O que separa listas de discussão da maioria dos utilitários baseados na Web é o fato que elas levam a sua informação até a caixa de entrada de seus inscritos. Por causa dos seus

limites de atenção, os indivíduos restringem suas inscrições, então postar em uma lista de discussão tende a ser feito por e para pessoas que se auto-selecionarem como tendo um elevado grau de interesse comum, substantivo ou contextual. Isso por outro lado aumenta o grau em que cada um é ouvido por aqueles que já são interessados em um tema. Não é um modelo de comunicação de um-para-muitos, ou poucos-para-muitos, como o broadcast é para uma classe aberta e indefinida de membros da sua audiência. Em vez disso, permite que um, ou poucos, ou mesmo um grande mas limitado grupo se comunique com um grande mas limitado grupo, onde o limite é a auto-seleção, ou o interesse ou mesmo a imersão em um tema.

A World Wide Web é outra plataforma principal entre as ferramentas que os indivíduos usam para se comunicar na esfera pública interconectada. Ela possibilita um grande número de aplicativos, de páginas Web estáticas até, mais recentemente, blogs e várias plataformas mediadas por software social para conversações em larga-escala do tipo descrito no capítulo 3 – como o Slashdot. Páginas web estáticas são o meio de broadcast básico do indivíduo. Elas permitem a qualquer indivíduo ou organização apresentar textos básicos, sons e imagens pertinentes às suas posições. Elas permitem a pequenas ONGs terem presença mundial e visibilidade. Elas permitem aos indivíduos oferecerem pensamentos e comentários. Elas permitem a criação de um banco de dados vasto e consultável com informações, observações e opiniões, disponíveis em baixo custo para qualquer um, tanto para ler quanto para comentar. Isso não significa que todos esses pontos sejam ouvidos pelos outros participantes de relevância a quem eles são dirigidos. Uma análise substancial é dedicada à esse problema, mas antes vamos completar o catálogo de ferramentas e estruturas de fluxo de informação.

Uma ferramenta baseada na web é uma prática cultural emergente que estende as características básicas dos sites da Web como um meio para a esfera pública política são os Web logs ou blogs. Blogs são uma ferramenta e

uma abordagem para o uso da Web que amplia o uso das páginas Web de duas formas significativas. Tecnicamente, blogs são parte de uma categoria maior de inovações que fazem da web "editável". Isso é, elas tornam as páginas da Web facilmente capazes de modificação por meio de uma interface simples. Elas podem ser modificadas de qualquer lugar com um computador conectado, e os resultados de escrever em uma página da Web ficam imediatamente disponíveis para qualquer um que lê o blog acessar. Essa mudança técnica resultou em duas divergências de prática cultural em relação aos sites da Web de 1990. Primeiro, ela permitiu a evolução das páginas com estilo e diário, em que postagens curtas dos indivíduos são adicionadas à Web em intervalos curtos ou longos. Como a prática se desenvolveu nos últimos anos, essas postagens são usualmente arquivadas cronologicamente. Para muitos usuários, isso significa que os blogs se tornaram um tipo de diário pessoal, atualizado diariamente ou quase diariamente, para seu próprio uso e talvez para o uso de um pequeno grupo de amigos. O que é significativo sobre essa característica, da perspectiva da construção da esfera pública, é que os blogs possibilitam aos indivíduos escreverem suas páginas web no tempo do jornalismo – isso é, de hora em hora, diariamente, semanalmente – enquanto a cultura anterior das páginas na Web tendia a se mover mais lentamente: menos como um equivalente de uma reportagem, mas como um ensaio. Hoje, é certamente possível encontrar indivíduos usando software de blog para manter o que são essencialmente páginas estáticas na Web, para as quais eles adicionam ensaios ou conteúdos ocasionalmente, e sites na Web que não usam tecnologia de blogging, mas que são atualizados diariamente. O funcionamento da esfera pública é baseado no conteúdo e na cadência – isso é, no uso prático – e não na plataforma técnica.

A segunda inovação crítica da Web editável em geral ou dos blogs em particular era o fato de que, além do dono, leitores/usuários podem escrever no blog. Software para blogging permite à pessoa que publica o blog permitir alguns, todos ou nenhum dos leitores postarem comentários, com ou sem reter o poder de editar ou moderar os posts que continuam e aqueles não continuam no

blog. O resultado é por outro lado não apenas muito mais pessoas escreverem teses acabadas e os disseminarem largamente, mas também o produto final ser uma conversação pesada, em vez de um bem acabado. É uma conversação por causa da prática comum de permitir e postar comentários, assim como comentar os comentários. Os escritores de blogs – ou blogueiros – frequentemente postam suas própria respostas na seção de comentários ou dirigir comentários na seção primária. A conversação baseada em um blog é pesada, porque a cultura e a viabilidade técnica do blogging dá ao dono do blog um grande peso ao decidir quem posta ou comenta e quem efetivamente decide essas questões. Blogs diferentes usam essas capacidades diferentemente; alguns optam por maior absorção e discussão, outros por um blog mais editorializado. Em todos esses casos, apesar disso, o modelo de comunicações ou a estrutura de fluxo de informações que um blog facilita é a conversação pesada que toma a forma de um ou de um grupo de autores/contribuidores primários, junto com um número grande, frequentemente com muitos, contribuidores secundários, se comunicando um número ilimitado de muitos leitores.

A Web editável também compreende um outro conjunto de práticas que diferem, mas são frequentemente pooled na literatura junto com os blogs. São os vários sistemas de produção de conteúdo colaborativo em larga escala disponíveis na Web, do tipo descrito no capítulo 3. Duas características básicas diferem sites como o Slashdot e a Wikipedia dos blogs. Primeiro, eles intencionam atingir e ser usados por grupos muito grandes, em vez de intencionarem facilitar uma conversação pesada em torno de um ou de um pequeno número de falantes primários. Diferentemente dos blogs, eles não são um meio de indivíduos ou pequenos grupos se expressarem, com uma ferramenta de conversação. Eles são intrinsecamente meios de comunicação de grupo. Eles por outro lado incorporam soluções de software social para evitar a deterioração em caos – avaliações colaborativas entre pares, privilégios estruturados de postagem, sistemas de reputação, e assim por diante. Segundo, no caso das Wikis, a plataforma de conversação é ancorada por um texto

comum. Da perspectiva de facilitar a síntese de posições e opiniões, a presença da autoria colaborativa de textos oferece um grau adicional de viscosidade à conversação, de forma que os espectadores "grudam" uns aos outros, mais apertados pelo espaço, e se acomodam uns aos outros. No processo, a saída é mais facilmente reconhecível como uma produção coletiva e uma opinião ou observação relevante do que onde a forma da conversação é mais uma troca livre de visões competitivas.

O linking, a citação e a apresentação são comuns a todas essas ferramentas baseadas na Web – estáticas e dinâmicas, individuais e cooperativas. Está no verdadeiro centro da linguagem HTML (hypertext markup language) tornar fácil o uso de referências. E está no verdadeiro core de uma rede radicalmente distribuída permitir que materiais sejam arquivados por qualquer um que queira arquivá-los, e então serem acessíveis por qualquer um que tenha a referência a eles. Em volta dessas simples capacidades, a prática cultural que emergiu foi a referência por meio de links, para uma transição fácil da sua própria página ou post para aquela que a qual você está se referindo – seja como uma inspiração ou em discordância. Essa cultura é fundamentalmente diferente da cultura da mídia de massa, onde mandar um relatório de quinhentas páginas para um milhão de usuários é difícil e caro. Na mídia de massa, por outro lado, em vez de permitir aos leitores lerem o original junto com a sua resenha, tudo que é oferecido é a resenha profissional no contexto de uma cultura que confia no resenhista. Na web, o link para os materiais originais e para referências é considerado uma característica central da comunicação. A cultura é orientada para o "veja por você mesmo". A confiança em uma observação vem de uma combinação da reputação do falante da forma como ela emergiu de acordo com o tempo, na leitura de fontes fundamentais que você acredita que tem competência para avaliar por você mesmo, e na ciência de que para cada alegação referenciada ou fonte dada, há um grupo de pessoas lá fora, sem filiação com o resenhista ou falante, que terão acesso à fonte e aos meios para tornar conhecido seu desacordo com os pontos

de vista do falante. O link e o "veja por você mesmo" representam um modelo radicalmente diferente e mais participativo de acreditação do que o da mídia de massa.

Outra dimensão que é menos bem desenvolvida nos Estados Unidos do que é na Europa e no Leste da Ásia é a mobilidade, ou a ubiquidade espacial e temporal de ferramentas básicas para observar e comentar o mundo que nós habitamos. Dan Gillmor está claramente certo de incluir essas características básicas no seu livro *We the Media*, adicionando às ferramentas centrais do que ele descreve como uma transformação no jornalismo o SMS e os celulares com câmera aos Web logs, Wikis e outras ferramentas. Os Estados Unidos se mantiveram prioritariamente um sistema em rede baseado em PC, enquanto na Europa e na Ásia há mais crescimento substancial dos devices portáteis, principalmente celulares. Nesses lugares, o SMS – que é o "e-mail" dos telefones celulares – e os celulares com câmera se tornaram fontes críticas de informação, em tempo real. Em alguns países pobres, onde os minutos de telefones celulares permanecem muito (até inacessivelmente) caros para muitos usuários e onde as linhas fixas podem não existir, a troca de mensagens de texto está se tornando uma ferramenta central e ubíqua. Isso nos sugere uma transição, já que as capacidades de ambos os sistemas convergem da grande disponibilidade de maneiras de registrar e comunicar observações em texto, áudio e vídeo, em qualquer lugar que estejamos e sempre que quisermos. Drazen Pantic fala de como os ouvintes da rádio baseada na internet B-92, em Belgrado, reportaram eventos que aconteceram em suas vizinhanças depois que a estação de broadcasting foi desligada pelo regime de Milosevic. Howard Rheingold descreve, no livro *Smart Mobs*, como cidadãos da Filipinas usaram SMS para organizar em tempo real movimentos e ações para derrubar o seu governo. Em uma complexa sociedade moderna, onde as coisas que importam podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento, as capacidades de pessoas armadas com meios de gravar, renderizar e comunicar suas observações mudam o relacionamento delas com os eventos que as rodeiam. O

que quer que alguém veja ou escute pode ser tratado como um **input** no debate público, de formas que eram impossíveis quando capturar, renderizar e comunicar eram facilidades reservadas a um grupo de organizações e aos seus poucos milhares de empregados.

A economia informacional em rede encontra a esfera pública

A esfera pública interconectada não é feita de ferramentas, mas das práticas de produção social que essas ferramentas possibilitam. O efeito primário da Internet na esfera pública em sociedades liberais recai na produção informacional e cultural de atores que estão fora do mercado: o trabalho de indivíduos sozinhos e em cooperação com outros, ou de associações formais como ONGs, bem como o feedback do seu efeito sobre a mídia tradicional. Estes possibilitam à esfera pública interconectada moderar as duas maiores preocupações motivadas pela mídia de massa comercial como uma plataforma para a esfera pública: (1) o excessivo poder que ela dá aos seus proprietários, e (2) a sua tendência, quando os proprietários não dedicam os seus meios a concentrar poder, de encorajar uma política inerte. Mais fundamentalmente, as práticas sociais da informação e discurso possibilitam que um grande número de atores se vejam como contribuidores potenciais para o discurso público, e como atores potenciais nas arenas políticas, em vez de quase sempre serem recipientes passivos de informação mediada, que ocasionalmente podem eleger suas preferências. Nesse segmento, eu ofereço duas histórias detalhadas que destacam diferentes aspectos dos efeitos da economia informacional em rede na construção da esfera pública. A primeira história foca em como a esfera pública interconectada permite que os indivíduos monitorem e interrompam o uso do poder do mass-media, e que eles também se organizem para a ação política. A segunda enfatiza em particular como a esfera pública interconectada permite que indivíduos e grupos de intenso engajamento reportem, comentem e assumam o papel tradicionalmente dedicado à imprensa de observar, analisar e criar relevância política para questões de interesse público. Esses estudos de

caso apresentam o contexto para a visualização de como a esfera pública interconectada responde à falência central da esfera pública dominada pela mídia de massa comercial, e para a consideração das críticas da Internet como plataforma de uma esfera pública liberal.

Nossa primeira história é sobre a Sinclair Broadcasting e a eleição para presidência norte-americana em 2004. Ela ilustra as oportunidades que os proprietários da mídia de massa têm de exercer poder sobre a esfera pública, a variabilidade da própria mídia em como esse poder é usado, mais significativo para a nossa proposta, o efeito corretivo potencial de um ambiente informacional em rede. No seu ponto principal, ela sugere que a existência de meios descentralizados para indivíduos e grupos podem colocar em cheque o excessivo poder que os proprietários dos meios de comunicação podem exercer na economia informacional industrial.

Sinclair, que possui as principais estações de TV em estados que foram considerados os mais competitivo e importantes nas eleições de 2004 – incluindo Ohio, Florida, Wisconsin e Iowa – informou os seus funcionários e estações que planejava interferir no horário normal das suas sessenta e duas estações para exibir um documentário chamado "Honra Roubada: A Ferida que Nunca Cicatriza" (Stolen Honor: The Wounds That Never Heal), como um programa de notícias, uma semana e meia antes das eleições. O documentário foi considerado um ataque estridente ao serviço militar do candidato democrata John Kerry durante a Guerra do Vietnam. Um repórter no escritório da Sinclair em Washington, que fez objeções ao programa e o descreveu como "propaganda política evidente", foi prontamente demitido. O fato de Sinclair possuir estações suficientes para alcançar um quarto das residências dos Estados Unidos, dele ter usado a sua propriedade para interferir nas grades de broadcast locais, e dele ter demitido um repórter que se opôs a sua decisão, torna essa uma história clássica de "efeito Berlusconi", junto com um caso que serve como propaganda contra a concentração de mídia e de propriedade em

níveis além do que um pequeno número de meios de comunicação para cada único dono. A história planos de Sinclair saiu no Los Angeles Times no sábado, 9 de outubro de 2004. Durante o final de semana, respostas oficiais estavam começando a emergir no partido democrata. A campanha de Kerry levantou questões sobre se o programa violava as leis eleitorais como sendo uma colaboração "in-kind" não declarada à campanha de Bush. Na terça-feira, 12 de outubro, o Comitê Democrático Nacional (Democratic National Committee) anunciou que estava autuando uma queixa junto à Comissão Eleitoral Federal (Federal Elections Commission - FEC), pedindo que a comissão investigasse se Sinclair estava abusando da concessão pública do espectro de ondas eletromagnéticas. Nem a FEC, nem a FCC, apesar disso, agiram ou entrevistaram nesse episódio.

Paralelamente aos caminhos padrão de resposta que existe na esfera pública tradicional da mídia de massa comercial, vindos dos órgãos reguladores e dos partidos estabelecidos, um tipo muito diferente de resposta estava fervendo na rede, na blogosfera. Na manhã de 9 de outubro de 2004, a história do Los Angeles Times foi postada em um certo número de blogs políticos – John Marshall no talkingpointsmemo.com, Chris Bower no MyDD.com, e Markos Moulitsas no dailyKos.com. Até o meio-dia de sábado, 9 de outubro, dois esforços focados em organizar oposição a Sinclair foram postados no [dailyKos](http://dailyKos.com) e [MyDD](http://MyDD.com). Um site "boycottSinclair" (boicote Sinclair) foi publicado por um indivíduo, e foi apontado por esses blogs. Chris Bowers do [MyDD](http://MyDD.com) publicou uma lista completa das estações de Sinclair e chamou os leitores a ligarem para elas ameaçando protestar e boicotá-las. No domingo, 10 de outubro, o [dailyKos](http://dailyKos.com) publicou uma lista de anunciantes nacionais da rede de Sinclair, chamando os leitores a ligarem para eles. Na segunda-feira, 11 de outubro, o [MyDD](http://MyDD.com) linkou para essa lista, enquanto outro blog, o theleftcoaster.com, postou uma agenda com diversas ações, desde protestar em frente às afiliadas de Sinclair até sugerir aos leitores que fizessem oposição à renovação de suas licenças, oferecendo um link para o site da FCC que explicava o processo básico de

renovação, e listava organizações de interesse público que trabalhavam com o tema. No mesmo dia, um outro indivíduo, Nick Davis, começou um Web site, BoycottSBG.com, no qual ele postou a ideia básica de que um boicote organizado de anunciantes locais era a forma de agir, enquanto outro site, o stopsinclair.org, começou a juntar assinaturas para uma petição. Ao mesmo tempo, o TalkingPoints publicou uma carta de Reed Hundt, presidente da FCC, para Sinclair, e continuou encontrando curiosidades sobre o filme e seu produtor. Mais tarde, ainda na segunda-feira, o TalkingPoint postou uma carta de um leitor que sugeriu que os acionistas da Sinclair poderiam tomar uma ação derivativa. Apesar disso, às 5 horas da madrugada da terça-feira, 12 de outubro, o TalkingPoints começou a apontar para a base de dados de Davis no BoycottSBG.com. Às 10 horas daquela manhã, Marshall postou no TalkingPoints uma carta de um leitor anônimo, que começava dizendo: "Eu trabalhei na mídia por 30 anos e garanto a vocês que as estações locais estão interessadas nas vendas. Elas não ligam para a renovação da licença ou para um gigantesco ultraje público. Eles só se preocupam com as vendas, então apenas os anunciantes locais podem afetar as suas decisões". Esse leitor então desenhou um plano sobre como assistir e listar todos os anunciantes locais, e então escrever para os gerentes de vendas – não os gerentes gerais – das estações locais e dizer a eles para que anunciantes você vai telefonar, e então telefonar para esses anunciantes. À 1 hora da tarde Marshall postou uma história sobre sua própria experiência com essa estratégia. Ele usou a base de dados de Davis para identificar os anunciantes de uma afiliada local de Ohio. Ele tentou ligar para o gerente de vendas da estação, mas não conseguiu fazê-lo. Ele então ligou para os anunciantes. Esse post é um manual de instruções, incluindo conselhos para lembrar que o anunciante não tem ideia de nada disso, que a história tem que ser explicada, e o tom de acusação deve ser evitado, por exemplo. Marshall então começou a postar cartas de leitores que explicavam com quem eles falaram – um gerente de vendas em particular, por exemplo – e a quem eles foram reencaminhados na matriz nacional. Ele continuou a enfatizar que os anunciantes eram o foco certo da ação. Às 5 horas da tarde, daquela

mesma terça-feira, Marshall reportou mais leitores escrevendo sobre experiências, e continuou a guiar seus leitores para sites que podiam ajudá-los a identificar os gerentes de vendas das afiliadas locais, assim como seus anunciantes.

Na manhã de quarta-feira, 13 de outubro, a base de dados do boicote incluía 800 anunciantes, e continha modelos simples de cartas para os usuários enviarem aos anunciantes. Mais tarde naquele dia, BoycottSBG reportou que alguns participantes do boicote receberam e-mails de resposta dizendo a eles que seus e-mails não solicitados caracterizavam spam ilegal. Davis explicou que o CAN-SPAM Act (Ato Permitido-Spam), um relevante estatuto federal, aplicava-se somente a spams comerciais, e direcionou os usuários ao site de um escritório de direito onde havia uma explicação geral do CAN-SPAM. Em 14 de outubro, os esforços do boicote estavam claramente rendendo frutos. Davis reportou que as afiliadas da Sinclair estavam ameaçando anunciantes que cancelaram seus anúncios com ações legais, e chamou advogados voluntários para ajudarem a responder. Em um curto período de tempo, ele coletou mais de uma dúzia de voluntários para ajudar os anunciantes. Mais tarde naquele dia, outro blogueiro, no grassrootsnation.com, montou uma ferramenta que permitia enviar e-mails para todos os anunciantes da base de dados do BoycottSBG. Na manhã de sexta-feira, 15 de outubro, Davis reportava mais de 50 anunciantes cancelando anúncios, e três ou quatro matérias da mídia tradicional a respeito do boicote. Naquele dia, um analista do Lehman Brothers lançou um relatório de pesquisa que rebaixou as previsões dos doze meses seguintes para as ações da Sinclair, citando preocupações com a perda de renda de anunciantes e com o risco de regulações mais rigorosas. Reportagens da mídia tradicional durante o fim de semana sistematicamente ligaram o relatório ao contexto dos anunciantes locais estarem tirando seus anúncios da Sinclair. Na segunda-feira, 18 de outubro, o preço das ações da companhia caiu 8% (enquanto a S&P 500 subia em torno de 0,5%). Na manhã seguinte, os papéis caíram mais 6%, antes de começar a subir novamente, quando Sinclair anunciou que não exibiria mais o

"Honra Roubada", mas sim um programa equilibrado, com apenas partes do documentário e outro que incluísse argumentos do outro lado da questão. Naquele dia, os papéis da companhia atingiram seu valor mais baixo em três anos. No dia seguinte ao anúncio da mudança da programação, o preço da ação voltou ao que era em 15 de outubro. Há obviamente múltiplas razões para a queda no preço das ações, e os papéis da Sinclair vinham perdendo pontos por muitos meses antes desses eventos. Apesar disso, como a figura 7.1 demonstra, o mercado respondeu silenciosamente aos anúncios das ações regulatória e política movidas pelo escritório democrata anteriormente, na semana de 12 de outubro, em comparação com a vertiginosa queda e a dramática volta quando em torno das projeções do mercado que se referiam à perda de anunciantes. Enquanto isso não prova que o boicote organizado pela Web, dirigido e facilitado pelos blogs foi o fator determinante, comparando-se com os receios de uma ação regulatória formal, o tempo das ações sugere fortemente que a eficácia do boicote ocupou um papel muito significativo nesse processo.

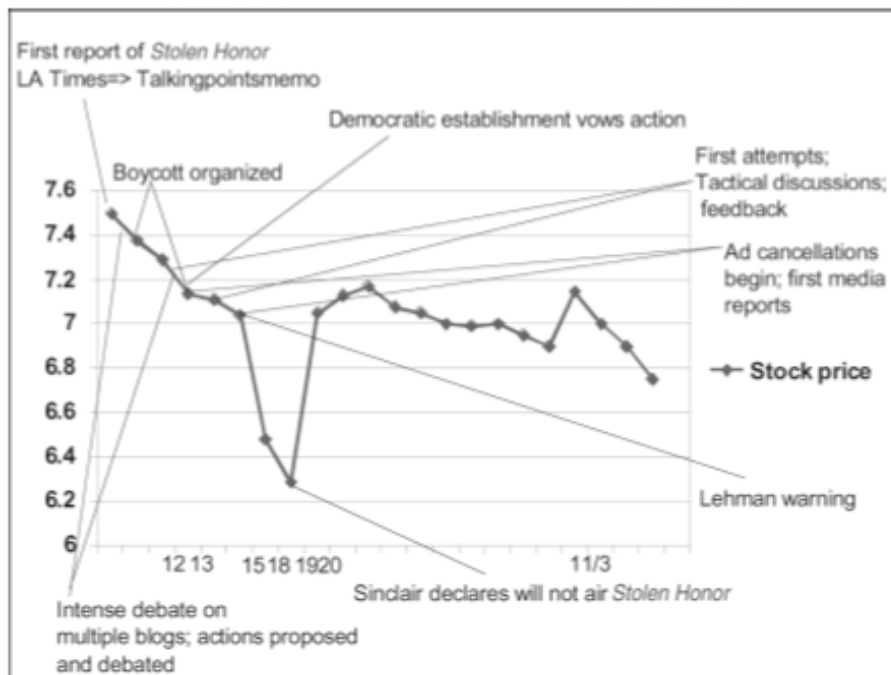


Figura 7.1: Ações da Sinclair, de 8 de outubro a 5 de novembro de 2004.

A primeira lição da história do Stolen Honor da Sinclair é sobre a própria mídia comercial de massa. O potencial para o exercício de poder desproporcional dos seus proprietários não é uma preocupação imaginária. Aqui existia uma firma de capital aberto, cujos gerentes apoiavam um partido político, e planejavam usar o seu controle corporativo sobre as estações, que alcançavam um quarto das residências nos EUA, muitas em estados importantes no processo eleitoral, para colocar uma mensagem política evidente em frente dessa grande audiência. Nós também aprendemos, apesar disso, que na ausência de monopólio, essas decisões não determinam o que as pessoas assistem ou escutam, e que outros meios de comunicação da mídia de massa vão criticar aquelas que adotarem tais práticas. Esse criticismo sozinho, apesar disso, não pode impedir um determinado proprietário de meio de comunicação de tentar exercer sua influência na esfera pública, e se colocado onde Sinclair estava, em localidades com significativo peso político, essa intervenção pode ter influência substancial. Segundo, nós aprendemos que os novos meios de comunicação, baseados na rede, podem exercer uma força contrária significativa. Eles oferecem uma base de absorção completamente nova e muito mais aberta para ideias e comentários. A velocidade com que indivíduos foram capazes de publicar sites para ocupar uma posição, coletar e tornar disponíveis informações relevantes para um assunto específico de interesse público, e prover uma plataforma para outros compartilharem suas visões sobre a estratégia política apropriadas e suas táticas foram completamente diferentes de qualquer coisa factível dentro da estrutura econômica e organizacional da mídia de massa. A terceira lição é sobre a dinâmica interna da esfera pública interconectada. Filtros e sínteses ocorreram durante a discussão, tentativas, e erros. Múltiplas propostas para ação surgiram, e a prática do link permitiu que qualquer interessado que se conectasse a um desses nós da rede seguisse as citações e referências, de modo a ter uma noção do grande alcance das propostas. Pessoas diferentes poderiam convergir em diferentes modos de ação – 150 mil assinaram a petição stopsinclair.org, enquanto outros começaram a trabalhar no boicote. Preparar os mecanismos foi trivial, tanto tecnicamente

quanto em termos de custo – algo que um único indivíduo comprometido poderia escolher fazer. Direcionamentos e adoções de métodos proporcionaram o filtro e o retorno sobre a eficácia, novamente distribuídos por um sistema de referências cruzadas, permitindo o teste e a acreditação desse caminho de ação. Sites de alta visibilidade, como o Talkingpointsmemo ou o dailyKos, ofereceram hubs de transmissão que disseminaram informação sobre os variados esforços, e ofereceram uma plataforma para interest-group-wide conversações táticas. Permanece ambíguo até que ponto que esse disperso loci de debate público ainda tenha precisado da exposição da mídia de massa para atingir grande relevância política. BoycottSBG.com teve mais de 300 mil visitantes únicos durante sua primeira semana de operações, e mais de um milhão de visualizações. Ele coordenou com sucesso uma campanha que resultou em efeitos reais em anunciantes de um grande número de mercados dispersos geograficamente. Nesse caso, pelo menos, os relatos da mídia tradicional sobre esses esforços foram poucos, e o mais imediato "mecanismo de transmissão" dos efeitos da ação foi o relatório do analista do Lehman Brothers, e não a mídia. É difícil julgar a influência que aquelas poucas reportagens da mídia tradicional tiveram na decisão do analista de creditar o sucesso da ação. Apesar disso, o fato dos meios de comunicação terem exercido um papel no ganho de relevância do boicote não tira importância do papel básico exercido por esses novos mecanismos, de trazer informação e experimentar conduzir em uma conversa pública abrangente, combinados com um mecanismo de organizar uma ação política em diferentes locações e contextos sociais.

Nossa segunda história foca não na nova capacidade reativa da esfera pública interconectada, mas na sua capacidade de geração. Com essa capacidade, começa a se desenhar a mudança qualitativa no papel dos indivíduos como investigadores e comentaristas potenciais, como participantes ativos na definição da agenda de ações e debates da esfera pública. Essa história é sobre os sistemas eleitorais Diebold (um dos líderes em fabricação de urnas eletrônicas e um subsidiário de uma das mais importantes fabricantes de

caixas-eletrônicos no mundo, que fatura mais de 2 bilhões de dólares por ano), e sobre o jeito que a crítica pública sobre suas urnas eletrônicas se desenvolveu. Ela coloca uma série de observações sobre como a economia informacional em rede opera, e como ela permite que grandes números de pessoas participem de uma jornada de produção entre pares para a junção, análise e distribuição de notícias, aplicada a um perturbador conjunto de denúncias. Enquanto o contexto da história é o debate sobre o voto eletrônico, isso não é o que a torna pertinente para a democracia. O debate poderia haver se focado em torno de qualquer cooperação ou prática governamental que tivesse implicações altamente perturbadoras, fosse difícil de investigar e analisar, e que fosse claramente ignorada pela mídia tradicional. O ponto é que a esfera pública interconectada se engajou, e sucedidamente transformou uma coisa que não era assunto de uma discussão pública séria numa discussão pública que levou à ação pública.

Máquinas de voto eletrônico foram usadas substancialmente pela primeira vez nos Estados Unidos nas eleições de Novembro de 2002. Anteriormente, e imediatamente depois dessas eleições, havia uma esparsa cobertura do mass-media sobre as urnas eletrônicas. A ênfase estava majoritariamente na novidade, nas falhas ocasionais, e na disponibilidade de suporte técnico para ajudar nos pontos de votação. Uma história do Atlanta Journal-Constitution, intitulada "Georgia Puts Trust in Electronic Voting, Critics Fret about Absence of Paper Trails" (Georgia confia no voto eletrônico, Críticos temem a falta de comprovantes de papel), não é uma cobertura atípica entre as que foram feitas na época, que geralmente reportavam críticas dos engenheiros de computação, mas trouxeram uma mensagem geralmente tranquilizante sobre a eficácia das máquinas e sobre os esforços de oficiais e das empresas para ter a certeza de que tudo sairia bem. O New York Times reportou o esforço na Georgia, e nem ao menos mencionou a crítica. O Washington Post reportou os medos de falhas com a estreia das máquinas, mas engatizou os esforços pesados que o fabricante, Diebold, estava empenhando para treinar os oficiais eleitorais e ter

centenas de técnicos disponíveis para responder a uma falha. Depois das eleições, o Atlanta Journal-Constitution reportou que as máquinas com tela sensível ao toque foram um sucesso, deixando nas entrelinhas algumas referências à máquinas que referenciaram candidatos errados, ou longas filas nos lugares de votação, enquanto o Washington Post ressaltou longas filas em um condado de Maryland, mas sucesso na operação em todos os outros lugares. Mais tarde, o Post reportou um estudo da Universidade de Maryland que pesquisou usuários e concluiu que muitos precisaram de ajuda dos oficiais eleitorais, comprometendo a privacidade do eleitor. Dada a posição central que os mecanismos de voto ocupam na democracia, as preocupações profundas de que irregularidades do voto tivessem determinado o resultado das eleições presidenciais de 2000, e a sensação de que as urnas eletrônicas seriam uma solução para o problema dos cartões perfurados de forma imperfeita (que acabaram se tornando símbolo do fiasco da Flórida durante essa eleição), os relatos da mídia de massa foram notavelmente livres de qualquer desconfiança séria sobre o quão seguras e precisas eram as máquinas de voto, e incluíram um alto quociente de comentários calmantes dos oficiais eleitorais que compraram as máquinas e dos executivos que as manufaturaram. Nenhum veículo de mídia de massa procuraram ir além das alegações dos fabricantes sobre suas máquinas, ou questionar sobre sua segurança ou integridade dos seus sistemas de contagem e transmissão de dados contra alterações dos votos. Se dúvida fazer isso traria muitas dificuldades. Esses sistemas estavam protegidos como segredos de patente. Governos dos estados pediram certificação de que os sistemas eram restritos para garantir que o acesso que eles teriam aos seu funcionamento interno seria confidencial. Analisar esses sistemas requer um alto grau de expertise em segurança computacional. Transpor essas barreira é difícil. Apesar disso, acabou sendo factível para um conjunto de voluntários em vários espaços e contextos da rede.

No fim de janeiro de 2003, Bev Harris, uma ativista focada em urnas eletrônicas, estava fazendo pesquisas a respeito da Diebold, que fabricou mais de 75 mil máquinas de voto nos Estados Unidos, e produziu muitas das máquinas usados no sistema eleitoral puramente eletrônico do Brasil. Harris publicou um site de denúncias como parte de um site da Web que ela gerenciava naquele tempo, o blackboxvoting.com. Trabalhando com uma pista, Harris descobriu sobre um site aberto e facilmente disponível onde a Diebold guardava mais de quarenta mil arquivos sobre como o seu sistema funcionava. Entre eles, especificações e código atual das urnas eletrônicas e sistemas de contagem de votos da Diebold. No começo de fevereiro de 2003, Harris publicou dois relatórios jornalísticos em um jornal online da Nova Zelândia, Scoop.com – cujo modelo de negócios inclui disponibilizar uma plataforma livre de edições para comentadores que queiram utilizá-la para publicar seus materiais. Ela também colocou um espaço no seu site para que entendedores de linguagem técnica comentassem os arquivos que ela recebeu. No começo de julho daquele ano, ela publicou uma análise dos resultados das discussões no seu site, que apontavam como o acesso ao site aberto da Diebold poderia ter sido utilizado para afetar o resultado das eleições de 2002 na Georgia onde houve uma disputa apertada pela vaga do Senado). Em um editorial anexado à publicação, intitulada "Maior que o Watergate", os editores do Scoop alegaram que o que Harris tinha descoberto não era nada menos do que um mecanismo para tomar o controle das eleições norte-americanas. Eles inseriram então algumas linhas que foram diretamente para o coração da economia informacional em rede e do seu potencial de usar produção entre pares (peer production) para assumir o lugar de cão-de-guarda (watchdog).

"Nós podemos agora revelar pela primeira vez o local de uma cópia online completa do data set original. Como nós antecipamos tentativas de interromper a distribuição dessa informação, nós encorajamos defensores da democracia a fazerem cópias desses arquivos e os tornarem disponíveis em sites e redes de compartilhamento de arquivos: <http://users.actrix.co.nz/dolly/>. Como muitos dos

arquivos estão comprimidos e protegidos por senhas, você pode precisar de alguma assistência para abri-los. Nós achamos que o utilitário disponível na seguinte URL pode funcionar bem: <http://www.lostpassword.com/> (aplicativo de recuperação de senhas perdidas). Finalmente, alguns dos arquivos comprimidos estão parcialmente danificados, mas esses também podem ser lidos usando o utilitário que está em: <http://www.zip-repair.com/>. Nesse estágio desse questionamento, nós não acreditamos que chegamos ao menos remotamente perto de investigar todos os aspectos desses dados, i.e., não há razão para acreditar que as falhas de segurança descobertas até agora são as únicas. Consequentemente nós esperamos muito que mais descobertas sejam feitas. Nós queremos a ajuda da comunidade online nessa jornada e nós encorajamos você a publicar suas descobertas no fórum, clicando AQUI [link para o forum]."

Um grande número de características desse chamado seriam incompatíveis com o ambiente da mídia de massa. Elas representam um paradigma genuinamente diferente de como notícias e análises são produzidas e como a censura e o poder são superados. Primeiro, a existência de capacidade de comunicação e armazenamento significa que o discurso público podese basear em "veja você mesmo" em vez de "confie em mim". O primeiro movimento, então, é fazer os materiais brutos disponíveis para a visualização de todos. Segundo, os editores anteciparam que a companhia tentaria suprimir a informação. Sua resposta não foi usar um contrabalanço com o mesmo poder econômico e público de uma grande corporação de mídia para proteger o uso dos materiais. Em vez disso, foi a distribuição em larga escala da informação – sobre onde os arquivos poderiam ser encontrados, e sobre onde havia as ferramentas para recuperar as senhas e reparar os arquivos corrompidos – combinada com um chamado para a ação: pegue esses arquivos, copie, e guarde-os em muitos lugares para que eles não possam ser suprimidos. Terceiro, os editores não contaram com grandes quantias de dinheiro advindas de uma grande organização de mídia para contratar experts e estagiários para investigar os arquivos. Em vez disso, eles colocaram um desafio para quem que

que estivesse interessados – há mais falha a serem encontradas, isso é importante para a democracia, boa caça! Finalmente, eles ofereceram uma plataforma para integração das descobertas no seu próprio fórum. Esse curto parágrafo define um mecanismo para o acesso, compartilhamento, análise e documentação radicalmente distribuída sobre os arquivos da Diebold.

De acordo com o desenvolvimento da história nos poucos meses seguintes, esse modelo básico de produção entre pares para a investigação, relato, análise e comunicação realmente funcionou. Ele resultou na decertificação de alguns dos sistemas Diebold na Califórnia, e contribuiu para uma mudança nos requisitos de um número de estados, que agora exigem que as urnas eletrônicas produzam comprovantes de papel para fins de recontagem. A primeira análise do sistema da Diebold baseada nos arquivos que Harris originalmente encontrou foi feita por um grupo de cientistas da computação no Information Security Institute at Johns Hopkins University e foi lançada como um paper no fim de julho de 2003. O Relatório Hopkins, ou Relatório Rubin, já que ele também foi nomeado em homenagem a um dos seus autores, Aviel Rubin, apresentou críticas profundas ao sistema Diebold e suas vulnerabilidades em muitas dimensões. A credibilidade acadêmica desses autores demandou uma resposta direta da Diebold. A companhia publicou uma resposta para cada linha do relatório. Outros cientistas da computação se juntaram ao debate. Eles mostraram as limitações e acertos do Relatório Hopkins, mas também os pontos onde a resposta da Diebold era adequada e onde ela admitia a existência de algumas das vulnerabilidades identificadas pelo relatório. O relatório e os comentários levaram a dois outros relatórios maiores, comissionados por Marylando no outono de 2003 e mais tarde, em janeiro de 2004, como parte dos esforços do estado para decidir se adotaria o voto eletrônico. Ambos os estudos encontraram um grande número de falhas nos sistemas que eles examinaram e pediram modificações (veja na figura 7.2)

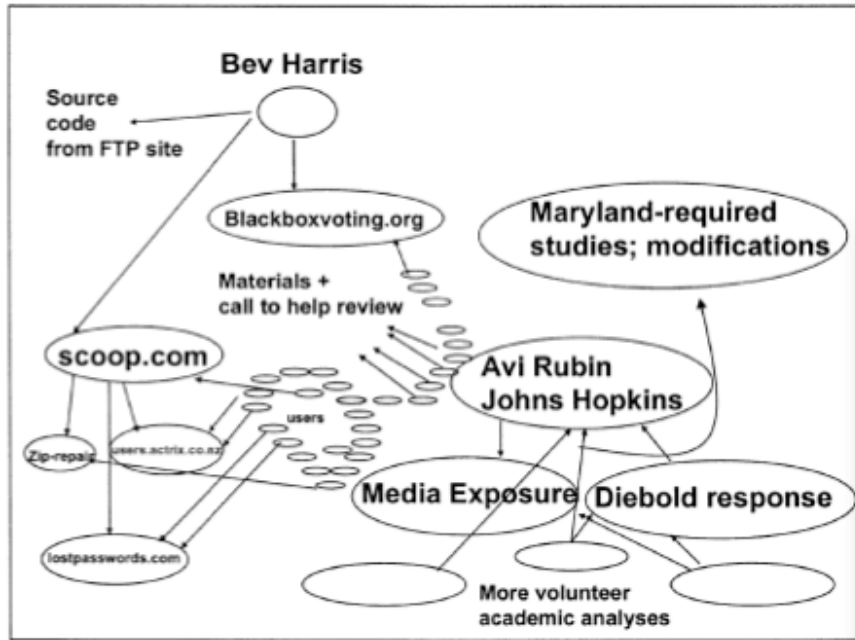


Figura 7.2: Análise do código fonte do sistema Diebold

Ao mesmo tempo, a questão estava se agravando em outro ponto para a Diebold. No começo de agosto de 2003, alguém entregou para a revista Wired um cache contendo milhares de e-mails internos da Diebold. A Wired reportou que os e-mails foram obtidos por um hacker, enfatizando esse como outro exemplo da permissividade na segurança da Diebold. Apesar disso, a revista não fez uma análise dos e-mails, e nem ofereceu acesso a eles. Por outro lado, Bev Harris, a ativista que postou os materiais da Diebold originalmente, recebeu o mesmo cache, e postou os e-mails e anotações no seu site. A resposta da Diebold foi ameaçá-la de litígio. Alegando copyright dos e-mails, a companhia exigia que Harris, o seu servidor de Internet, e outros sites onde o material havia sido postado removessem-nos. Os e-mails foram removidos desses sites, mas a estratégia de replicação de dados largamente distribuída e seu armazenamento diversos lugares topologica e organizacionalmente diferentes fez com que os esforços da Diebold fossem inúteis em última instância. Os protagonistas desse ponto foram estudantes universitários. Primeiro, dois estudantes da Swarthmore College, na Pennsylvania, e rapidamente estudantes em outras universidades

dos EUA, começaram a armazenar os e-mails e investigá-los em busca de evidências de impropriedades. Em outubro de 2003, a Diebold escreveu para as universidades cujos estudantes estavam armazenando os materiais. A companhia invocou provisões do Digital Millennium Copyright Act, que responsabilizavam as companhias de Web-hosting por remover materiais quando os detentores do copyright as notificassem da presença deles nos seus sites. As universidades obrigaram e pediram que os alunos removessem o material dos seus sites. Os estudantes, apesar disso, não desapareceram quietamente. Em 21 de outubro de 2003, eles lançaram uma campanha em diversas frentes do que eles descreviam como "desobediência civil eletrônica". Primeiro, eles trocavam os arquivos da máquina de um estudante para a de outro, encorajando os estudantes de todo o país a resistirem aos esforços para eliminarem o material. Segundo, eles injetaram os materiais na FreeNet, uma rede de publicação entre pares anticensura, e em um outro sistema de compartilhamento de arquivos entre pares, como o eDonkey e o BitTorrent. Terceiro, apoiados pela Eletronic Frontier Foundation, uma das principais organizações de direitos civis preocupadas com a liberdade na Internet, os estudantes apresentaram queixa contra a Diebold, pedindo uma declaração judicial que a publicação dos materiais fosse privilegiada. Eles ganharam venceram tanto a "rebelião" quanto a campanha formal. Praticamente, os materiais continuaram sendo publicados e disponibilizados durante esse período. Legalmente, o litígio foi mal o suficiente para que a Diebold publicasse uma carta prometendo não processar os estudantes. A corte pelo menos pagou aos estudantes seus danos e taxas de advogados porque entendeu que a Diebold representou de forma errônea, materialmente e conscientemente, que a publicação do arquivo de e-mails era uma violação de copyright em sua carta para os provedores de Internet.

Da perspectiva do entendimento da dinâmica da esfera pública interconectada, o caso da corte não é, entretanto, central – ele foi resolvido quase um ano mais tarde, depois que a maioria dos eventos mais importantes já

tinham se revelado – mas a eficácia da publicação continuada e persistente apesar da carta de "ceda e desista" da companhia e da prontidão das universidades em cumpri-la. A estratégia de replicar os arquivos em todos os lugares tornou impossível tirar os documentos dos olhos do público. E os olhos do público, por outro lado, examinaram-nos profundamente. Entre as coisas que começaram a emergir quando os usuários leram os arquivos, estavam e-mails internos reconhecendo problemas com o sistema de voto, com a segurança do site de FTP de onde Harris originalmente obteve as especificações dos sistemas de votação, e o e-mail que indicava que as máquinas implementadas na California foram "remendadas" ou atualizadas depois da sua certificação. Isso é, atualment sendo utilizadas atualmente na California foram pelo menos em algum ponto modificadas em relação às máquinas que foram testadas e certificadas pelo estado. Isso acabou se revelando uma descoberta crítica.

A California teve um Painel de Sistemas de Votação (Voting Systems Panel) com o gabinete do secretário de estado, que revisou e certificou as urnas eletrônicas. Em 3 de novembro de 2003, duas semanas depois dos estudantes lançarem sua campanha de desobediência eletrônica, a agenda do painel incluiu uma discussão da proposta de modificação para um sistema de votos da Diebold. Em vez de discutir esse item da agenda, um dos membros do painel fez um movimento de adiá-lo até a que a secretaria do estado tivesse a oportunidade de investigar, porque "tinha chegado ao seu conhecimento que algumas informações desconcertantes sobre esse item", e porque "foram informados que a companhia, Diebold, poderia ter instalado software não certificado em pelo menos um condado antes que ele fosse certificado". A fonte dessa informação foi mantida obscura por alguns minutos. Uma reportagem posterior da Wired citou uma fonte anônima do escritório da secretaria de estado dizendo que alguém dentro da companhia liberou esa informação. A época e o contexto, no entanto, sugeriam que a revelação e dicussão online sobre o e-mail é que provocou a situação. Alguém mencionou especificamente que a informação foi extraída dos e-mails da companhia. Na reunião seguinte do

comitê, em 16 de dezembro de 2003, um membro do público que estava participando do evento especificamente se referiu aos e-mails na Internet, citando em particular um e-mail de janeiro sobre upgrades e mudanças nos sistemas certificados. Até a reunião de dezembro, a investigação independente da secretaria de estado encontrou discrepâncias sistemáticas entre os sistemas instalados atualmente e aqueles testados e certificados pelo estado. Os poucos meses seguintes trouxeram mais estudos, respostas, debates, e a eventual descertificação de muitas das máquinas Diebold instaladas na Califórnia (veja figuras 7.3a e 7.3b).

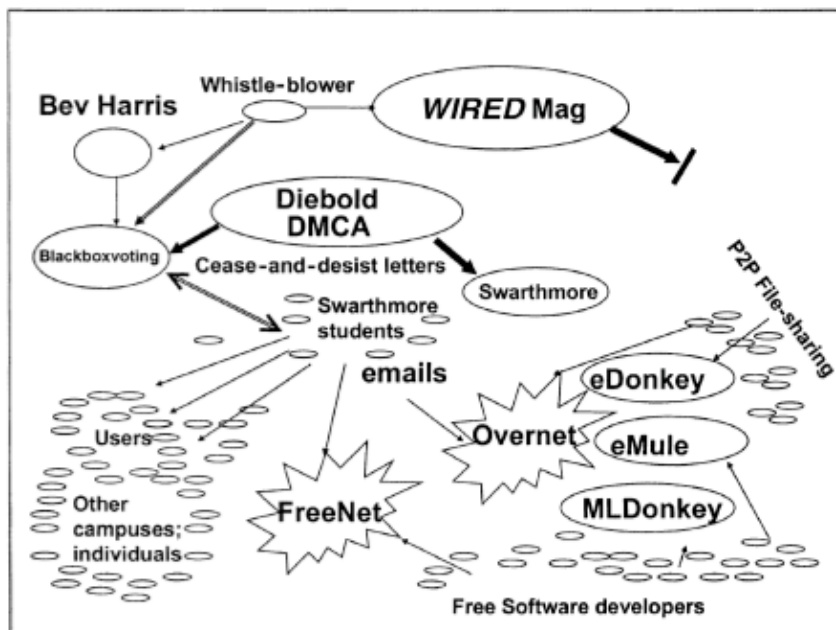


Figura 7.3a: Descoberta e distribuição de e-mails internos da Diebold

A estrutura do questionamento público, do debate e da ação coletiva exemplificados por essa história é fundamentalmente diferente da estrutura do questionamento público e do debate na esfera pública dominada pela mídia de massa do século 20. A investigação inicial e a análise foram feitas por uma ativista comprometida, operando com baixo orçamento e sem financiamento de uma empresa de mídia. O resultado desse questionamento inicial não foi uma

análise respeitável de uma parte significativa do debate público. Foi o acesso a materiais brutos e observações iniciais sobre eles, disponibilizados para começar uma conversa. A análise então emergiu de um processo amplamente distribuído, tomado por usuários de internet de diferentes tipos e habilidades. Nesse caso, ele incluiu acadêmicos estudando sistemas de voto eletrônico, ativistas, profissionais de sistemas de computação e estudantes mobilizados. Quando a pressão de uma corporação financeiramente poderosa se deu, não foi o prestígio ou o dinheiro de um Washington Post ou New York Times que protegeu a integridade da informação e sua disponibilidade para a investigação pública. Foram os esforços cooperativos e radicalmente distribuídos de estudantes e a rede de produção entre pares na Internet. Esses esforços foram, em outro momento, gestados por outras comunidades de produção cooperativa – como a comunidade do software livre, que desenvolveu alguns dos aplicativos usados para disseminar os e-mails depois que a Swarthmore os removeu dos sites dos próprios estudantes. Não existiu nenhuma forma de orquestração do poder — nem um partido e nem uma empresa profissional de mídia comercial. Houve, em vez disso, uma série de ações descordenadas, mas que se apoiavam mutuamente, de indivíduos em diferentes lugares e contextos, operando sob diversas restrições organizacionais e possibilidades, para expor, analisar e distribuir as críticas e suas evidências. A esfera pública interconectada não se baseia em propaganda ou na captura de grandes audiências para focar seus esforços. O que se tornou relevante para a agenda pública e formou a discussão pública foi o que engajou intensamente os participantes, em vez de moderar a atenção de grandes grupos de espectadores passivos. Em vez do foco no "menor denominador comum", típico da mídia de massa comercial, cada indivíduo ou cada grupo pode – e, de fato, na maior parte das vezes irá – focar precisamente no que é mais intensamente interessante para os seus participantes. Em vez de representações icônicas baseadas na escassez de slots de tempo ou espaço no ar ou na página, nós vemos a emergência da cultura do "veja você mesmo". Acesso a documentos e definições fundamentais, e ao direito de expressar sua opinião para os outros,

se torna uma parte central da mídia.

Críticas das Alegações de que a Internet Tem Efeitos Democratizantes

É comum hoje pensar nos anos 1990, tomando como exemplo a opinião da Suprema Corte no caso *Reno v. ACLU*, como um tempo de otimismo ingênuo em relação à Internet, expressando em otimismo político o mesmo entusiasmo que estourou a bolha do mercado, com o mesmo grau de defensabilidade. Uma esfera pública ideal não nasce da Internet, pronta como Atena nasceu da cabeça de Zeus. As críticas detalhadas das alegações primárias sobre os efeitos democratizantes da internet podem ser caracterizados como variantes de 5 alegações básicas:

1. Excesso de informação. Um problema básico criado quando todos podem falar é que haverá muitas opiniões, ou muita informação. Muitas observações e muitos pontos de vista criam o problema de que é muito difícil examiná-los, levando a um ruído impossível de se gerenciar. Essa preocupação geral, uma variante da objeção de Babel, fundamente três argumentos mais específicos: que o dinheiro acabará dominando tudo de qualquer maneira, que haverá fragmentação do discurso, e que a fragmentação do discurso levará à polarização.

a) O dinheiro acabará dominando de qualquer maneira. Um ponto originalmente levantado por Eli Noam é que, nesse universo explosivamente grande, conseguir atenção será tão difícil quanto conseguir expor uma mensagem inicial no contexto da mídia de massa, se não for maior ainda. Significa o mesmo que dizer que a capacidade de falar no ambiente de mídia de massa – dinheiro – dominará a capacidade de ser ouvido na Internet, mesmo que não mais controle a capacidade de falar.

b) Fragmentação da atenção e do discurso. Um ponto levantado mais explicitamente por Cass Sunstein no Republic.com é que a ubiquidade da informação e a falta da mídia de massa como um ponto de condensação vai empobrecer o discurso público por causa da fragmentação. Não haverá mais esfera pública. Indivíduos verão o mundo através de milhões de janelas customizadas pessoalmente que não oferecerão uma base comum para o discurso político ou para ação, exceto entre grupos de indivíduos altamente similares, que customizaram suas janelas para verem coisas similares.

c) Polarização. Uma crítica descritivamente relacionada, mas analiticamente distinta de Sunstein é que a fragmentação levará à polarização. Quando a informação e as opiniões são divididas apenas em alguns grupos de participantes que pensam da mesma maneira, ele argumentou, eles tendem a reforçar os pontos de vista e as crenças uns dos outros sem que haja pontos de vista alternativos ou a capacidade de ver as preocupações e as críticas de outros. Isso faz com que cada ponto de vista seja mais extremo na sua própria direção e aumente a distância entre posições tomadas por campos opostos.

2) Centralização da Internet. Uma segunda geração de críticas dos efeitos democratizantes da Internet é que ela acaba, de fato, não sendo tão igualitária ou distribuída quanto a concepção dos anos 1990 sugeriam. Primeiro, existe a concentração nos pipelines (canais de processamento de dados) e nas ferramentas básicas de comunicação. Segundo, e mais difícil de se controlar politicamente, mesmo em uma rede aberta, um alto grau de atenção é concentrado em alguns poucos sites – um pequeno número de sites são lidos pela vasta maioria dos leitores, enquanto muitos sites nunca são visitados por ninguém. Nesse contexto, a Internet estaria replicando o modelo da mídia de massa, talvez adicionando alguns canais, mas não genuinamente mudando alguma coisa estrutural.

Note que a preocupação com o excesso de informação está em tensão direta com a segunda geração de preocupações. Para confirmar que as preocupações sobre a concentração da Internet são corretas, elas sugerem que o excesso informacional não é um problema profundo. Infelizmente, da perspectiva da democracia, o que acontece é que, na crítica da concentração, há poucos falantes sendo ouvidos pela maioria das pessoas, assim como no ambiente da mídia de massa. Enquanto isso significa que os supostos benefícios da esfera pública interconectada são ilusórios, isso também significa que as preocupações com o excesso de informações quando não existe mais uma seleção de falantes que a maioria das pessoas escuta podem ser resolvidas da mesma forma que o modelo da mídia de massa lida com a factual diversidade de informação, opinião e observações em grandes sociedades – consignando-a à inconsciência pública. A resposta para esses dois conjuntos de preocupações, por isso, demandará a consideração combinada de uma série de questões: Até que ponto as alegações de concentração estão corretas? Como elas resolvem o problema do excesso de informação? Até que ponto a concentração observada replica o modelo da mídia de massa?

3) Centralidade da mídia de massa comercial na função de Quarto Poder. A importância da imprensa no processo político não é nova. Ela rendeu a imprensa o apelido de "o Quarto Poder" (uma referência a três poderes comuns ao regime democrático: Executivo, Legislativo e Judiciário). Na teoria da liberdade de expressão norte-americana, a imprensa é sempre descrita como cumpridora da "função de cão-de-guarda", derivada da noção de que os representantes públicos precisam ser vigiados para assegurar que eles lidem com os negócios públicos de maneira fiel. No contexto da Internet, essa preocupação, mais claramente articulada por Neil Netanel, alega que nas complexas sociedades modernas em que vivemos, a mídia de massa comercial é crucial para a preservação da função de cão-de-guarda da mídia. Governos grandes, sofisticados e bem-fundamentados, assim como atores do mercado corporativo, têm recursos gigantescos a sua disposição para agir como quiserem e para evitar a

investigação e o controle democrático. Apenas organizações de mídia grandes, poderosas e financiadas independentemente, cuja mercadoria básica é observar e criticar outras grandes organizações, podem equivaler a esses atores organizacionais de elite estabelecidos. Indivíduos e coletivos de voluntários conversando podem ser bons, mas eles não podem sinceramente substituir a bem-fundamentada, econômica e politicamente poderosa mídia política.

4) Países autoritários podem usar filtros e monitoramentos para silenciar a Internet. Um conjunto de alegações distintas e suas críticas têm a ver com os efeitos na Internet em países autoritários. A crítica é nivelada à crença supostamente básica e talvez atualmente superada de alguns ciber-libertários, de que com acesso suficiente a ferramentas de Internet a liberdade vai eclodir em todos os lugares. O argumento é que a China, mais do que nenhum outro país, mostra que é possível permitir que uma população acesse a Internet – ela é hoje o lar da segunda maior população nacional de usuários de Internet – e ainda controlar o seu uso muito substancialmente.

5) Exclusão digital. Enquanto a Internet pode aumentar o círculo de participantes na esfera pública, o acesso às suas ferramentas é voltado em favor daqueles que já estão em boa posição social – em termos de riqueza, raça e habilidades. Eu não respondo a essa crítica nesse capítulo. Primeiro, nos Estados Unidos, isso é menos verdade hoje do que era no fim dos anos 1990. Computadores e conexões de Internet estão se tornando altamente disponíveis em bibliotecas e escolas públicas. Como elas se tornaram mais centrais para a vida, elas parecem estar alcançando maiores taxas de penetração, e as taxas de crescimento entre minorias são maiores que o crescimento entre grupos já bem socialmente representados. A exclusão digital em relação ao acesso básico em economias avançadas é importante enquanto ela existe, mas parece ser um problema transicional. Por outro lado, é importante lembrar que os efeitos democratizantes da Internet devem ser comparados com a democracia no contexto da mídia de massa, não no contexto de uma utopia idealizada.

Alfabetismo digital e técnicas de computação, apesar de longe de serem universais, são mais largamente distribuídos do que as técnicas e os instrumentos de produção da mídia de massa. Segundo, eu dedico o capítulo 9 à questão de como e porque a emergência especificamente da produção alheia ao mercado provê novos caminhos para melhores substanciais na igualdade de acesso a vários bens que o mercado distribui desigualmente, tanto quanto o avanço econômico quanto globalmente, onde a má-distribuição é ainda mais aguda. Enquanto a crítica da exclusão digital pode por outro lado esfriar nosso entusiasmo por quão radical a mudança representada pela economia informacional em rede poderá ser nos termos da democracia, a economia da informação em rede é ela própria um caminho para aliviar a má-distribuição.

O restante desse capítulo se dedica a responder essas críticas, por meio de uma defesa da alegação de que a Internet pode contribuir para uma esfera pública liberal mais atrativa. Trabalhando essas objeções, nós podemos desenvolver um entendimento melhor de como a economia informacional em rede responde ou supera as falhas sistemáticas particulares da mídia de massa como uma plataforma para a esfera pública. Durante essa análise, a atratividade da esfera pública interconectada será comparada com essa base – a mídia de massa dominada pela mídia de massa – e não com uma esfera pública ideal não-existente, ou com a utopia de que "todos são panfleteiros", já que isso é o que mais deve importar para nossa que deve importar nossa análise da sua promessa democrática.

A Internet é Muito Caótica, Muito Concentrada, ou Nenhum dos Dois?

A primeira geração de críticas das alegações de que a Internet democratiza tinham foco em três variantes do excesso de informação ou da objeção de Babel. A descrição básica da proposta que animou a suprema corte em *Reno v. ACLU* foi tomada como mais ou menos precisa, descritivamente: todos serão igualmente capazes de falar na Internet. De qualquer modo, essa observação

básica era seguida por outra explicação descritiva ou normativa de porque esse desenvolvimento seria uma ameaça à democracia, ou pelo menos não seria nenhum grande benefício. O problema básico identificado por essa linha de críticas é o problema da atenção. Quando todos podem falar, o ponto central de falha passa a ser a capacidade de ser ouvido – quem escuta quem, e como essa questão é decidida. Falar em um meio que provavelmente ninguém escutará pode ser satisfatório psicologicamente, mas não é uma mudança na conversação política. A previsão de Noam era, por outro lado, que haveria uma nova concentração de atenção: o dinheiro emergiria novamente nesse ambiente como o principal determinante da capacidade de ser ouvido, certamente não menos, e talvez ainda mais decisivo do que era no ambiente da mídia de massa. A teoria de Sustain era diferente. Ele aceitou a previsão de Nicholas Negroponte de que as pessoas leriam o "Diário do Eu", ou seja, de que cada um de nós criaria janelas altamente customizadas no ambiente de informação que seriam cuidadosamente ajustadas para nossa combinação única de interesses. Dessa suposição sobre como as pessoas seriam informadas, ele levantou duas críticas diferentes, mas relacionadas. A primeira era que o discurso seria fragmentado. Sem o "jornal das seis" para nos dizer o que está na agenda pública, não haveria agenda pública, apenas uma multiplicidade de agendas fragmentadas que nunca convergiriam em uma plataforma para a discussão política. A segunda era que, num discurso fragmentado, indivíduos formariam clusters em que reforçariam suas próprias opiniões, grupos de discussão em que fariam referência a si mesmos. Ele argumentou com base em evidências sociais e científicas que esse tipo de grupo tende a dar a seus participantes visões mais extremadas e menos amenas na conversação entre divergências políticas que é necessária para alcançar decisões democráticas justificadas.

Extensivos estudos empíricos e teóricos dos padrões de uso atuais da Internet nos últimos 5 a outro anos deram origem a uma segunda geração de críticas da alegação de que a Internet democratiza. De acordo com essa crítica, a atenção é muito mais concentrada na Internet do que pensávamos há alguns

anos: um pequeno número de sites são altamente referenciados, a maioria vasta dos "falantes" não é ouvida, e o potencial democrático da Internet está perdido. Se corretas, essas alegações sugere que os padrões de uso da Internet revolveriam o problema da fragmentação do discurso com que Sustain estava preocupado. Em vez de cada usuário ler um "jornal" customizado e completamente único, a vasta maioria dos usuários acaba vendo os mesmos sites. Numa rede com um pequeno número de sites altamente visíveis que praticamente todo mundo vê, o problema da polarização também está resolvido – os sites mais visíveis não são interações de pequenos-grupos com pontos de vista homogêneos. Enquanto resolve as preocupações de Sustain, esse padrão é certamente consistente em relação a previsão de Noam de que seria necessário ter dinheiro para alcançar visibilidade, efetivamente replicando o modelo da mídia de massa. Enquanto a centralização resolveria a objeção de Babel, ela só o faria as custas de se perder muito da promessa democrática da rede. Por outro lado, nós chegamos a questão: a Internet é de fato muito caótica ou muito concentrada para produzir um discurso democrático mais atrativo do que a mídia de massa produzia? Eu sugiro que nenhum dos dois é o caso. Sob o risco de parecer uma quimera, eu argumento que o uso observado da rede exhibe uma ordem que não é nem muito concentrada e nem muito caótica, mas em vez disso, se não é "no ponto exato", pelo menos estrutura uma esfera pública interconectada mais atrativa do que a esfera pública dominada pela mídia de massa.

Há dois tipos distintos de alegações sobre a centralização da Internet. O primeiro, e mais anterior, tem um elo familiar com a concentração dos meios. É o mais simples dos dois, e é tratável com política pública. O segundo, preocupado com os padrões emergentes de atenção e referenciamento em uma rede diferenciadamente aberta, é mais difícil de se explicar e incorrigível com política. Eu sugiro, por outro lado, que ele na verdade estabiliza e estrutura o discurso democrático, provendo uma resposta melhor aos medos do excesso de informação do que a mídia de massa ou qualquer esforço para regular a atenção

para questões de interesse público.

O argumento do tipo da concentração de meios tem sido central para os argumentos sobre a necessidade de acesso aberto a plataformas de banda larga, feitos vigorosamente por Lawrence Lessig nos últimos anos. O argumento é que os instrumentos básicos das comunicações na Internet podem acabar se tornando mercados concentrados. Essa concentração de mercado no acesso básico se torna um ponto potencial de concentração do poder de influência do discurso possibilitado pelo acesso. O trabalho recente de Eli Noam é o estudo mais compreensivo sobre o grau de concentração da mídia. Ele oferece uma imagem desoladora. Noam observou os mercados dos componentes básicos da infraestrutura da Internet: backbones de internet, provedores de serviço de Internet, portais, serviços de busca, softwares para navegação (browsers), softwares para execução de mídias (media players), e telefonia pela Internet. Agregando informações desses setores ele descobriu que o setor da Internet, definido por esses componentes, concentrou-se de acordo com as medidas tradicionais de antitruste, na maior parte do período de 1984 a 2002. Entre 1992 a 2002, por outro lado, esse setor estava "altamente concentrado" nas medidas de concentração de mercado do Department de Justiça para questões de antitruste. Mais importante, o poder das 10 firmas mais importantes em cada um desses mercados, e agregando-se as firmas que tinham grandes segmentos em um número desses mercados, demonstra-se que um número ainda menor de companhias estavam capturando cerca de 25% da renda no setor de Internet. Uma desprazerosa, mas consistente descoberta é da FCC, mostrando que 96% dos lares e pequenos escritórios obtêm seu acesso à banda larga por meio da sua mesma operadora de TV a cabo ou por meio da sua mesma operadora de telefonia. É importante reconhecer que essas descobertas sugerem pontos potenciais de falência da economia informacional em rede. Eles não são uma crítica ao potencial democrático da esfera pública interconectada, mas por outro lado nos mostram como podemos falhar se a desenvolvermos seguindo políticas erradas.

O risco de concentração nos serviços de acesso à banda larga é que um pequeno número de firmas, suficientemente pequeno para ter poder econômico no sentido do antitruste, vai controlar os mercados dos instrumentos básicos da comunicação na Internet. Ele relembra, por outro lado, que o baixo custo de computadores e da arquitetura aberta dos protocolos da Internet por si só são os fatores centrais que possibilitaram a transição do modelo da mídia de massa para o modelo da informação em rede. Enquanto esses instrumentos básicos forem abertos e neutros, e relativamente baratos, a economia básica da produção fora de mercado descrita na parte I desse livro não deverá mudar. Sob condições competitivas, como a tecnologia faz a computação e a comunicação baratas, um mercado de bom funcionamento assegurará que isso aconteça. Sob condições de oligopólio, por outro lado, há uma ameaça de que a rede se torne muito cara para ser neutra, levando consigo tanto a produção do mercado quanto a de fora do mercado. Se conexões básicas de upstream na rede, espaço em servidores, e utilidades atualizadas para ler e escrever se tornarem tão caras que alguém precise adotar um modelo comercial para sustentá-las, então a característica básica que tipifica a economia da informação em rede – o relativamente grande papel da produção não-proprietária e alheia ao mercado – terá sido revertido. Por outro lado, o risco não está focado somente e nem primariamente no preço. Uma das fontes primárias ainda escassas no ambiente de rede é o tempo do usuário e sua atenção. Como o capítulo 5 explicou, proprietários da infraestrutura das comunicações podem extrair valor de seus usuários de formas mais sutis do que subir o preço. Em particular, eles podem fazer com que alguns sites e opiniões sejam mais fáceis de se acessar e ver – mostrando-os de forma mais proeminente na tela, ou mais rápidos de serem baixados – e vender essa capacidade facilmente para aqueles que estiverem dispostos a pagar. Nesse ambiente, sites de fora do mercado saem sistematicamente em desvantagem, não importando a qualidade de seu conteúdo.

A crítica da concentração nessa forma conseqüentemente não apaga a alegação de a economia da informação em rede, se for permitido que ela floresça, desenvolverá a esfera pública democrática. A combinação de observações sobre a concentração do mercado e um entendimento da importância de uma esfera pública interconectada para sociedades democráticas sugere que uma intervenção política é possível e desejável nesse sentido. O capítulo 11 explica porque essa intervenção é relevante para permitir que segmentos substanciais do centro da infraestrutura do commons – o camada básica de transporte físico de dados via wireless ou fibra, e o software e os padrões que regem as comunicações – serem produzidos e providos por usuários e gerenciados como um commons.

Sobre a lei de distribuição de energia, a topologia da Rede, e sobre "ser ouvido"

Um desafio muito mais intratável para a alegação de que a economia informacional em rede vai democratizar a esfera pública emerge de observações de um conjunto de fenômenos que caracterizam a Internet, a Web e a blogosfera e, além disso, as redes que mais crescem. Para extrair informação do universo de comunicações e opiniões possibilitadas pela Internet, os usuários estão livremente adotando práticas que levam à emergência de uma nova hierarquia. Em vez de sucumbirem ao problema do excesso de informação, os usuários estavam resolvendo isso consagrando um pequeno número de sites. Essa conclusão é baseada numa nova mais crescente literatura sobre a possibilidade de uma página da Web ser linkada por outras. A distribuição dessa possibilidade acaba se mostrando altamente assimétrica. Isso significa que há uma pequena probabilidade de qualquer site ser linkado por um grande número de pessoas, e uma grande possibilidade de qualquer site seja linkado apenas por um ou não seja linkado por nenhum outro site. Esse fato é verdade em um grande número de diferentes redes descritas na Física, na Biologia e nas Ciências Sociais, assim como em redes de comunicação. Sendo a pura verdade sobre o uso da

Web, esse fenômeno apresenta um desafio teórico e empírico à alegação de que as comunicações de todos os tipos vistas na Internet descentralizaram significativamente o discurso democrático. Não é um problema que possa ser tratado com política pública. Nós não podemos por uma questão prática forçar pessoas a lerem coisas diferentes do que elas escolhem ler, nem deveríamos querer isso. Se usuários evitam o excesso de informação, focando em um pequeno conjunto de sites em uma rede aberta que permite a eles lerem mais ou menos aquilo que eles quiserem que qualquer um tenha escrito, intervenções políticas para forçar um padrão diferente desse seriam difíceis de se justificar da perspectiva da democracia liberal.

O estudo sustentado da distribuição dos links na Internet e na Web é relativamente novo – tem apenas alguns anos. Há significativo trabalho teórico no meio matemático chamado teoria gráfica, ou topologia da rede, ou lei de distribuição de energia em redes, em distribuições não-simétricas que não apenas regidas pela lei de energia e no fenômeno matematicamente relacionado dos pequenos-mundos. A intuição básica é que, se relativamente uma pequena minoria dos sites ganha um grande número dos links, e a vasta maioria ganha nenhum ou poucos links, será muito difícil ser visto a não ser que você esteja em um site altamente visível. Padrões de atenção fazem a rede aberta replicar a mídia de massa. Enquanto explico essa literatura nas próximas páginas, eu mostro que o que está emergindo de fato é muito diferente, e mais atrativo, do que a esfera pública dominada pela mídia de massa.

Enquanto a Internet, a Web e a blogosfera estão realmente exibindo muito mais ordem do que direções livres, como a imagem do "todos são panfleteiros" sugeriria, essa estrutura não replica o modelo da mídia de massa. Nós estamos vendo um ambiente informacional moldado de uma maneira nova, onde realmente poucos são sites por muitos, mas clusters de sites lidos moderadamente fornecem plataformas para um vasto número de falantes, maior do que os que poderiam ser ouvidos no ambiente da mídia de massa. Filtragem,

acreditação, síntese e relevância são criadas a partir de um sistema de revisão de pares por grupos de afinidades baseados na informação, em temas ou interesses. Esses grupos filtram as observações e opiniões de uma enorme quantidade de pessoas, e transmitem aquelas que passam da revisão entre pares local para grupos maiores e no último estágio para um alcance maior na sociedade organizada, sem recursos do mercado para controlar o fluxo de informação. Interesse e engajamento intenso de pequenos grupos que dividem preocupações comuns, em vez do mínimo-denominador-comum entre os interesses em grandes grupos que são altamente alienados uns dos outros, é o que chama atenção para opiniões e as faz mais visíveis. Isso faz com a esfera pública interconectada mais responsável por segurar intensamente as preocupações de uma faixa muito mais larga da população de que a mídia de massa jamais foi capaz de ver, e por criar um processo de comunicação que é mais resistente à corrupção que o dinheiro.

De que forma, primeiro, a atenção é concentrada na rede? Nós estamos acostumados a ver distribuições de probabilidade que descrevem fenômenos sociais seguindo uma distribuição gaussiana: onde a média e a mediana são as mesmas e as probabilidades caem simetricamente enquanto descrevemos eventos que estão lá para a mediana. Essa é a famosa "curva em sino". Alguns fenômenos, por outro lado, observados inicialmente no trabalho de Pareto sobre distribuição de renda e o de Zipf sobre a probabilidade de usar palavras em inglês em um texto e em populações de uma cidade, exibiram distribuições de probabilidade totalmente diferentes. Essas distribuições tem "caudas" longas – isso é, elas são caracterizadas por um número muito pequenos de eventos muito prováveis (como o número de palavras que têm uma probabilidade enormemente alta de aparecer em uma sentença escolhida randomicamente, como "the", o artigo o em inglês, ou "to", a preposição que antecede todos os verbos na forma infinitiva em inglês), e um grande número de eventos que tem probabilidade muito baixa de aparecerem (como a probabilidade da palavra "probabilidade" ou "blogosfera" vão aparecer em uma sentença randomicamente

escolhida). Para pensar intuitivamente o quão pouco intuitivas essas distribuições são para nós, nós podemos pensar do humorista de rádio Garrison Keillor's do ficional Lake Wobegon, onde "todas as crianças são acima da média". Essa frase é divertida porque nós assumimos que inteligência segue uma distribuição normal. Se inteligência fosse distribuída de acordo com uma lei de energia, haveria bem mais crianças que estariam na verdade abaixo da média – a mediana fica muito abaixo da média nessas distribuições (ver figura 7.4). Estudos posteriores de Herbert Simon nos anos 1950 e Derek de Solla Price nos anos 1960 sobre vantagem acumulativa em citações científicas eram um presságio da emergência, no fim dos anos 1990, de um interesse intenso das caracterizações da lei de energia de graus de distribuição, ou do número de conexões que qualquer ponto de uma rede tem com todos os outros pontos, em muitos tipos de redes – de redes de neurônios e axônios a redes sociais, redes de comunicação e redes de informação digital.

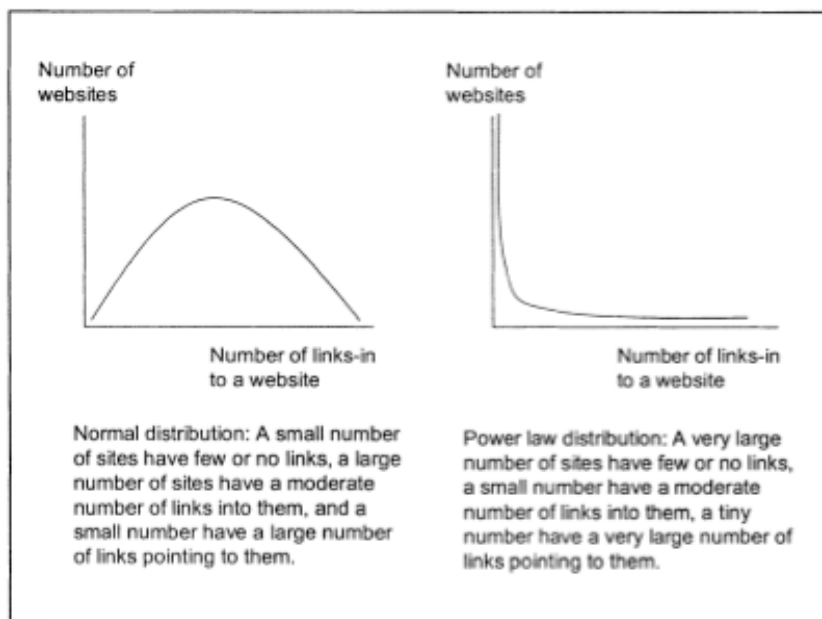


Figura 7.4: Ilustração sobre como a distribuição normal e a lei de distribuição de energia seria diferentes ao descreverem como muitos sites têm poucos ou muitos links apontando para eles

A Internet e a World Wide Web ofereceram um espaço de testes, onde investigações de larga-escala poderiam ser feitas automaticamente por meio de estudos da estrutura de links (quem está linkado a quem e por quem, como eles se relacionam, e assim por diante), e onde as aplicações práticas de sua melhor compreensão foram mais facilmente articuladas – como por exemplo para desenhar mecanismos de busca melhores. Em 1999, Albert-László Barabási e Reka Albert publicaram um paper na Science mostrando que uma variedade de fenômenos em rede tinham uma topologia previsível: a distribuição dos links para dentro e para fora de nós na rede seguiam uma lei de distribuição de energia. Há uma probabilidade muito pequena que qualquer vértice, ou nó, seja altamente conectado a muitos outros nós da rede, e uma grande probabilidade que um grande número de nós seja conectado há pouquíssimos pontos, ou até mesmo a ponto nenhum. Intuitivamente, muitos sites da Web linkam para informações que estão localizados no Yahoo!, enquanto esse linka muito poucos links randomicamente selecionados entre sites individuais. Barabási e Albert criaram uma hipótese de mecanismo para essa distribuição evoluir, que eles chamaram de "ligações preferenciais". Isso é, novos nós preferem se ligar a nós já bem ligados à rede. Qualquer rede que cresce da adição de novos nós, e quando os nós preferencialmente se conectam a nós já bem conectados, irá eventualmente exibir essa distribuição. em outras palavras, os ricos ficam ricos. Ao mesmo tempo, dois cientistas de computação, Lada Adamic e Bernardo Huberman, publicaram um estudo na Nature que identificou a presença de distribuições pela lei de distribuição de energia no número de páginas na web em um determinado site. Eles formularam uma hipótese em que os novos nós não preferem se ligar aos velhos, mas que cada site tem uma taxa e crescimento intrínseca diferente, e que novos site são formados em uma taxa exponencial. As taxas intrínsecas de crescimentos diferentes podem ser interpretadas como qualidade, interesse, ou talvez investimento de dinheiro no desenvolvimento ou no marketing de um site. Eles demonstraram que, sob esses parâmetros, uma lei de distribuição de energia emergiria. Desde a

publicação desses artigos, nós temos visto uma explosão de literatura teórica e empírica em teoria de gráficos, e particularmente em estrutura de links na World Wide Web. Foi consistentemente mostrado que o número de links de e para um website segue a lei de energia e que o expoente (o fator exponencial que determina a diferença entre o site mais linkado, o segundo site mais linkado, o terceiro, e assim por diante, dramaticamente rápido) para "links para" será algo perto de 2.1, e para links de algo próximo a 2.7.

Se alguém assume que a maioria das pessoas lê coisas por meio de seguir links, ou usando um mecanismo de busca, como o Google, que se baseia fortemente em contar links para um site e "rankear" seus resultados, então é provável que o número de visitantes de uma página na Web, e mais recentemente, o número de leitores de blogs, seguirão uma distribuição altamente assimétrica similar. A implicação para a democracia que vem à tona imediatamente é deprimente. Enquanto a Suprema Corte demonstrava entusiasmo, na Internet todos podem ser planfleteiros e terem seus próprios palanques, a Internet não permite, de fato, que indivíduos sejam ouvidos de formas que sejam substancialmente mais efetivas do que gritar em um palanque em uma praça pública. Muitas páginas e blogs simplesmente não serão lidos, e não vão contribuir para uma sociedade mais engajada. Esse argumento ficou mais claro na popularização de Barabási sobre o tema, Linked: "O mais intrigante resultado do nosso projeto de web-mapping foi a completa ausência de democracia, justiça e valores igualitários na rede. Nós aprendemos que a topologia da rede nos previne de ver alguma coisa além de alguns documentos mais disponíveis entre os bilhões que existem lá fora".